

Capítulo 6 – Vermo-nos, vendo os outros: investigação comparativa de notícias televisivas

Akiba A. Cohen

Acaba de passar várias horas num avião e, finalmente, deu entrada num hotel num país distante. Se agir como eu, uma das primeiras coisas que fará após pousar a bagagem será ligar a televisão e começar a percorrer os canais. Mais tarde ou mais cedo, começará a passar por um e outro noticiário. E, mesmo que não domine o idioma, ficará convicto de estar a ver as notícias. As notícias televisivas constituem, seguramente, um fenómeno global.

De facto, desde o advento da televisão, em meados do século XX, que as notícias constituem um dos seus mais primitivos géneros de conteúdo. E, no entanto, o processo de produção, as tecnologias, os valores jornalísticos e a sofisticação das audiências por todo o mundo têm sofrido constantes avanços e alterações. Consideremos ou não as notícias televisivas como sendo um meio útil de providenciar informação sobre aquilo que se passa a nível local ou mundial, não há dúvida de que a TV constitui ainda a principal fonte de informação para a maioria das pessoas, mesmo com o crescente aumento do número de utilizadores da internet.¹

Inúmeros formatos de noticiários televisivos evoluíram ao longo dos anos: serviços públicos e comerciais; locais e nacionais; gerais e centrados em tópicos específicos (ex: negócios, desporto, etc.); breves boletins informativos e transmissões *non-stop* de 24 horas diárias. No entanto, não obstante esta variedade, sempre existiram pontos em comum entre todos os formatos, sobretudo se procedermos a uma análise individual de peças noticiosas.

Na maioria dos países, os conteúdos noticiosos televisivos focam essencialmente pessoas, problemas ou eventos (ou, muitas vezes, pseudo-eventos), em grande parte

¹ Alguns estudos recentes, em especial relatórios comerciais, indicam a crescente utilização que as pessoas (particularmente aquelas que possuem acesso contínuo a um computador no seu local de trabalho) fazem da internet com o intuito de consultar notícias.

nacionais – ou seja, sobre a cidade, a região ou o país de difusão das mesmas (Shoemaker, e Cohen, 2006). Contudo, com incidências distintas, os noticiários incluem igualmente reportagens sobre eventos ou assuntos ocorridos (ou com ocorrência prevista) noutra país, por vezes fronteiriço, por vezes pertencente a outro hemisfério. Tais reportagens (ou artigos) sobre eventos estrangeiros poderão ocupar apenas um pequeno segmento do noticiário em algumas estações e uma porção significativa noutras.² Mais: alguns artigos informativos são de uma natureza híbrida, ou seja, têm uma componente estrangeira e outra doméstica, lidando com um evento ou uma questão de uma nação estrangeira com relevância directa para o país de emissão. Por exemplo, recentemente Portugal decidiu alinhar-se com a política comunitária relativa ao aborto, e este evento, ainda que seja interno (para Portugal), também envolvia outros países, pelo que tal notícia deverá ser considerada híbrida, combinando elementos domésticos e estrangeiros.

Para além disso, eventos ocorridos em território estrangeiro são, muitas vezes, “nacionalizados” ou “tornados locais”, i.e., enquadrados e apresentados de um modo mais apelativo para a audiência do país de emissão (Cohen, Levy, Roeh, e Gurevich, 1996). Por exemplo, uma reportagem relativa a um teste nuclear levado a cabo pela Coreia do Norte pode ser apresentada num bloco noticioso de Israel como uma peça totalmente estrangeira. Por outro lado, pode ser “nacionalizada” nos noticiários israelitas através da referência a eventuais implicações para Israel no caso de uma ameaça nuclear iraniana. Como Nosek (2004) realça, existe um aspecto problemático no modo como os jornalistas e os editores tratam as notícias estrangeiras: quanto mais próximos se encontrarem do conteúdo de uma peça noticiosa, em termos do interesse nacional que tem para o seu país, menos aplicam valores-notícia profissionais.

As histórias domésticas encontram-se quase sempre assentes no *staff* jornalístico (produtores e repórteres) da estação televisiva. Contudo, no caso das estrangeiras existem várias fontes possíveis. Em primeiro lugar, algumas estações televisivas (ou cadeias) possuem os seus próprios repórteres (ou correspondentes) em vários locais –

² Na bibliografia acerca desta área existem referências a notícias “estrangeiras”, assim como a “internacionais”. Nesta proposta recorreremos ao termo “estrangeiras”, mas os dois termos deverão ser considerados sinónimos.

normalmente apenas nas principais cidades, como Washington, Londres, Moscovo, Pequim, etc. Depois, agências noticiosas televisivas (ex: a Reuters Television) com delegações por todo o mundo disponibilizam peças a qualquer estação interessada.³ Em terceiro lugar, também as cadeias de emissão internacional (ex: a CNN International e a BBC World) fornecem artigos noticiosos.⁴ Por último, serviços regionais de troca de notícias, mantidos por organizações como a European Broagcasting Union e a Asian Broadcasting Union, fornecem material aos seus membros (Boyd-Barrett, e Thussu, 1992; Cohen, e outros, 1996).

Existem várias formas de inclusão de artigos noticiosos estrangeiros num noticiário. Um correspondente da própria estação pode fornecer um artigo e este aparecerá no bloco informativo tal como aquele o concebeu, à excepção de uma edição mínima efectuada pela estação. Contudo, esta situação é algo rara na maioria dos países, uma vez que não costumam dispor de correspondentes próprios fixos no estrangeiro. A opção mais comum envolve a utilização de artigos de agências noticiosas televisivas ou de serviços de emissão internacional, cedidos por um determinado preço e que podem ser transmitidos sem alterações ou modificados pela estação do país de emissão. Finalmente, é comum o uso de imagens não-editadas (“em bruto”), obtidas junto de serviços regionais de trocas de notícias. Neste último caso, o editor dos conteúdos noticiosos estrangeiros deverá editar o material visual e criar o texto, desenvolvendo dessa forma a história. Qual o motivo de as estações televisivas apresentarem notícias estrangeiras e por que razão as vêem as pessoas? Este tipo de peças – como quaisquer outras – é apresentado, segundo nos dizem, de acordo com critérios jornalísticos de valor-notícia. O estudo clássico de Galtung e Ruge (1965), revisitado recentemente por Harcup e O’Neill (2001), lidava com os critérios de selecção de notícias estrangeiras por parte da imprensa, mas muita da sua teoria é igualmente relevante no caso da televisão. Várias outras análises se debruçam também sobre processos de tomada de

³ Para uma análise abrangente das agências internacionais nos anos 70, deve consultar Boyd-Barrett (1980). Ao longo dos anos têm tido lugar fusões entre muitas agências noticiosas internacionais, que deram origem a um número mais reduzido de empresas (Boyd-Barrett, 2000; Boyd-Barrett, e Rantanen, 2004).

⁴ Para uma análise da CNN, consultar, por exemplo, Flournoy e Stewart (1997) e Volkmer (1999). Para uma comparação entre a CNN e a BBC, ver Kung-Shankleman (2000).

decisão jornalística e editorial relativos a notícias estrangeiras e a conteúdos afins (ex: Chang, e Lee, 1992; Westerstahl, e Johansson, 1994; Wu, 2000). Heinderyckx (1993) comparou as formas como as notícias estrangeiras eram tratadas e apresentadas em vários países europeus, e distinguiu-as, enquanto Wilke (1998) se centrou na Alemanha. Estes trabalhos, assim como dois estudos comparativos de larga escala feitos a notícias televisivas oriundas de dezenas de países numa “noite banal” (ex: Malik, 1992; Wu, 2004), sugerem que os diferentes valores sociais e critérios de noticiabilidade, assim como percepções não coincidentes do interesse da audiência, produzem impacto em todas as políticas e práticas de uma estação televisiva.

Com a crescente globalização das organizações noticiosas (Chalaby, 2005) no contexto de uma maior interdependência política e económica entre nações, o papel desempenhado pelas notícias estrangeiras parece ter vindo a ganhar relevância. Ao passo que o impacto de fenómenos como o “CNN Effect” (Robinson, 2002) na política global ainda é discutível (Gilboa, 2005), há outros factos que se assumem inquestionáveis: a crescente necessidade de compreensão da natureza e os efeitos que têm os conteúdos noticiosos estrangeiros na complexa ecologia contemporânea dos *media* globais, incluindo os problemas inerentes à transposição de fronteiras culturais e políticas (Cohen, 2002).

Os cidadãos e as cidadãs, enquanto consumidores/as, expressam preferência pelas notícias domésticas, em detrimento das estrangeiras (Sande, 1971; Sparks, e Winter, 1980; Tai, e Chang, 2002; Wainberg, em breve). Não obstante, há estudos demonstrativos de que a exposição a notícias do foro estrangeiro produz alguns impactos – definindo, pelo menos, parte da agenda pública (Hargrove, e Stempel, 2002; Wanta, e Hu, 1993) – e outros sobre atitudes e opiniões relativas a outros países (Perry, 1990; Semetko, Brzinski, Weaver, e Willnat, 1992). Kim, Wyatt e Katz (1993) sugerem que a utilização de *media* noticiosos funciona como catalisador de conversação sobre política e de participação no processo democrático. Com efeito, uma pesquisa anterior, levada a cabo em Israel (Cohen, 1993) mostrou preocupação significativa com os itens noticiosos estrangeiros presentes naquela que, na altura, constituía a única estação televisiva (de serviço público) nacional. De facto, os israelitas

inquiridos levantaram algumas questões pertinentes no que respeita às funções e à utilidade da emissão de notícias estrangeiras.⁵

Independentemente daquilo em que crêem os telespectadores, a investigação já demonstrou plenamente que é muito difícil processar e compreender notícias televisivas (Gunter, 1987). Isto deve-se a razões tão diversas como, por exemplo, a natureza dos conteúdos apresentados, o formato da apresentação ou o conhecimento e o repertório limitados que muitos espectadores possuem (Cohen, 1998). Para complicar um pouco mais tudo isto, os jornalistas televisivos encontram-se largamente alheados deste tipo de problemas cognitivos experimentados pelos espectadores quando lidam com notícias emitidas pela televisão. De facto, as notícias estrangeiras suscitam maior dificuldade de compreensão junto dos espectadores, sobretudo porque, como apontámos, muitos não possuem o *background* necessário para tal. Outro dos factores que contribuem para isso é a forma demasiado breve, e sem suficiente contextualização, como muitos dos artigos são apresentados. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Philo (2004) sobre o Reino Unido e de Wainberg (por editar) sobre o Brasil.

Em suma, a importância das notícias televisivas estrangeiras na cena global dos nossos dias, os problemas implicados na sua produção e na sua comunicação às audiências, as dificuldades que os espectadores experimentam no processamento de tal informação e a disponibilidade reduzida de dados sobre este assunto parecem justificar um estudo aprofundado do fenómeno, propósito no qual entra a análise comparativa.

6.1 – Pesquisa comparativa sobre notícias

⁵ Tal como várias referências aqui citadas indicam, é interessante atentarmos no facto de muitos dos estudos referentes a notícias estrangeiras terem tido lugar em países de pequena dimensão (sobretudo na Escandinávia, Taiwan e Israel), o que se ficará a dever ao seu relativo isolamento – político e geográfico.

Muita coisa na vida é relativa. Mesmo quando falamos em termos absolutos sobre os mais variados fenómenos, fazemos comparações. Por vezes, fazemo-lo de forma explícita; noutras ocasiões, de forma implícita. Em certas situações, com consciência do que fazemos; noutras, sem ela. Em contextos de investigação, o recurso a comparações representa, *ipso facto*, uma parte do processo científico. Isto aplica-se, de igual forma, à investigação na área da comunicação de massas.⁶

Três autores de referência neste campo, Blumler, McLeod e Rosengren (1992: 3), colocam a questão da seguinte forma:

“(...) o estudo comparativo cosmopolitiza, abrindo-nos os olhos para os padrões da comunicação e para problemas imperceptíveis no nosso ambiente espacial e temporal. Ajuda-nos a ver as configurações de comunicação sob uma nova luz, a enriquecer as fontes de matéria-prima da construção de teoria comunicativa, e a aprofundar a apreciação das questões da política da Comunicação, através da aprendizagem do modo como elas têm surgido e sido geridas noutros locais e noutros tempos.”

Nas últimas duas décadas, os estudos comparativos em comunicação de massas – em especial entre países – tornaram-se uma forma recorrente de pesquisa. Isto dever-se-á, pelo menos parcialmente, a tendências em expansão na globalização. No entanto, apesar do grande potencial deste tipo de escolástica, existem algumas matérias essenciais com as quais será necessário lidar.

A questão mais importante prende-se com a selecção dos países a estudar. Por vezes, o investigador une esforços com um colega (muitas vezes um ex-aluno) de outra nacionalidade, resultando daí um estudo comparativo. No entanto, muitas vezes estas parselhas (ou, por vezes, tríades) não apresentam uma lógica teórica clara para a comparação que não o desejo dos investigadores de trabalhar em conjunto, com todos os benefícios daí decorrentes – de entre os quais se destacam as viagens e visitas às respectivas nações.

Na selecção dos países que serão alvo de uma investigação comparativa relativa aos seus *media*, existem, contudo, quatro modelos, inicialmente explicados por Blumler,

⁶ Note-se, por exemplo, que em testes estatísticos estamos, na realidade, a comparar grupos.

McLeod e Rosengren (1992) e posteriormente aprofundados por Livingstone (2003).⁷

Muito rapidamente, estes modelos sugerem o seguinte:

- i) nações enquanto objecto – o objectivo aqui é ideográfico, ou seja, passa por compreender individualmente certos países, para seu próprio proveito. Deste modo, por exemplo, alguém se pode interessar pelo estudo do sistema dos *media* em vários países – quer os de serviço público quer os privados – de forma a perceber como cada um actua, como são regulados, que tipo de conteúdo disponibilizam às suas audiências, etc. Embora este trabalho, na sua essência, seja comparativo, podemos igualmente considerar que se trata de uma série de estudos comparáveis, individualmente conduzidos em cada uma das nações. O factor crítico é a possibilidade de se estabelecerem comparações e contrastes entre os vários sistemas de *media* utilizando os mesmos parâmetros e variáveis.
- ii) nações enquanto contexto – aqui, o objectivo é utilizar vários países para delimitar a extensão territorial da generalização de certas variáveis. Noutras palavras, utilizar uma multiplicidade de nações poderá levar-nos a conclusões no que toca à universalidade de um fenómeno. Por exemplo: vamos supor que formulamos a hipótese de as estações televisivas de serviço público incluírem, com maior frequência, estórias internacionais nos seus noticiários, em comparação com as estações privadas. Este facto pode representar a realidade do país onde o investigador reside: mas será a de outros? Ao realizar uma análise comparativa entre alguns (ou mesmo muitos), estamos aptos a verificar se esta ocorrência se repete. Se tal acontecer, é-nos possível falar de generalização, de um fenómeno universal, e, em termos científicos, de uma regra.
- iii) nações enquanto unidades de análise – neste paradigma, procedemos a uma investigação comparativa em diferentes países, de forma a testarmos uma qualquer hipótese teórica concernente à relação entre certos conceitos ou ocorrências. Aquilo que procuramos fazer é colocar essas nações ao longo de

⁷ Note-se que estes académicos utilizam o termo “nação”, que deve igualmente ser tomado como sinónimo de “país”.

um *continuum* e examinar até que ponto a proximidade entre elas está relacionada com um determinado fenómeno. Vamos supor, por exemplo, que colocamos determinados países num *continuum* representativo do nível de liberdade de expressão neles tolerado: num extremo, colocamos os que garantem essa liberdade, quer na teoria quer na prática; no outro, aqueles cuja situação se encontra ainda muito aquém do desejável (sob o nosso ponto de vista, claro está). Poderemos então analisar em cada um deles a forma como são noticiados os conteúdos que contêm ideologia e opiniões da “oposição” e dos grupos marginais da sociedade, bem como a extensão dessas notícias. Se se verificar essa relação, é provável que constatemos que, quanto maior for a liberdade de expressão na sociedade, mais conteúdos mediatizados relativos a grupos não-consensuais existirão.

- iv) nações enquanto componentes de grandes organizações ou sistemas transnacionais – no mundo dos *media* existem diversos organismos dos quais são membros vários países e que podem ser de nível global ou mundial – como é o caso das entroncadas nas Nações Unidas, incluindo a International Telecommunication Union, e das regionais, como por exemplo a European Broadcasting Union (EBU) ou a Asian Broadcasting Union (ABU). Uma pesquisa comparativa baseada neste paradigma envolve o estudo do modo como cada indivíduo contribui para tais instituições, como as opera e como beneficia delas. Neste caso, o foco poderá recair sobre países individuais dentro da moldura da organização global; podemos, portanto, tentar perceber e interpretar o funcionamento específico das nações ao serem transformadas pela própria organização e pelos seus demais membros.

6.2 – Problemas associados à investigação comparativa

Para além da selecção dos países, existem outros problemas significativos neste tipo de investigações. Falamos de questões relacionadas com a “equivalência funcional”, ou seja, com a habilidade de seleccionar ou criar parâmetros e instrumentos de pesquisa

que sirvam funções similares, não obstante as diferenças inerentes a elas que possam, *a priori*, ter lugar. Irei mencionar brevemente algumas delas.

- i) Seleção de jornais e estações televisivas – em estudos que envolvam uma análise de conteúdo dos *media*, podemos, por exemplo, desejar comparar jornais elitistas com tablóides. O problema poderá consistir na forma de determinar quais são os jornais de elite em cada nação. Ou então no facto de, por vezes, caso desejemos comparar as estações televisivas de serviço público com as privadas, o conceito de serviço público não ser exactamente o mesmo em todos os países. Assim sendo, como seleccionar a estação correcta em cada um deles?
- ii) Traduções operacionalizáveis – em estudos relativos a dois ou mais países necessitamos, muitas vezes, de trabalhar com os mesmos instrumentos, como um *codebook* para análise de conteúdo ou um questionário. Ao elaborarmos tais instrumentos, somos muitas vezes confrontados com a dificuldade em assegurar a sua tradução em várias línguas sem se perder a sua equivalência, não obstante a existência de diferentes significados culturais e linguísticos.
- iii) Validade transnacional da codificação – em variados estudos, a codificação de conteúdos de *media* é realizada em diferentes países. Mesmo que assumamos ter um *codebook* equivalente, a questão é conseguir que os codificadores realizem o seu trabalho da mesma forma em cada um deles, algo que é impossível de assegurar, dadas as suas inevitáveis lacunas em habilitações linguísticas e a falta de familiaridade com os tópicos das notícias. Assim, em cada país, optamos pela utilização de diferentes codificadores. Como garantir, então, que estes trabalhem exactamente da mesma forma? Mesmo que dispensemos imenso tempo e empreguemos um grande esforço na sua formação, é sempre possível que existam problemas, que emergirão apenas se verificarmos a fiabilidade da codificação.

6.3 – Exemplos ilustrativos da investigação comparativa sobre notícias

Após se terem descrito algumas das razões que motivam a condução de investigação comparativa, assim como alguns dos problemas envolvidos nessa prática, apresentam-se nesta secção três exemplos ilustrativos de pesquisa, nos quais me envolvi com alguns colegas. Dadas as limitações de espaço, exponho apenas alguns destaques.

Social conflict and television news

Muitos dos conteúdos noticiosos lidam com conflitos sociais. O estudo da autoria de Cohen, Adoni e Bantz (1990), relativo a cinco nações, teve um duplo objectivo: primeiro, a análise do conteúdo das peças informativas televisivas, de modo a se compararem as formas como foram abordadas essas lutas sociais nos noticiários; segundo, o estudo da percepção que os cidadãos têm delas, tanto ao nível das notícias como da realidade social.⁸

Esta investigação constitui um caso claro de “nação enquanto unidade de análise”. Os cinco países abrangidos pelo estudo foram os Estados Unidos, o Reino Unido, a Alemanha (República Federal), Israel e a África do Sul.⁹ Consideramo-los colocados sobre dois vectores contínuos, pela mesma ordem descrita anteriormente: o primeiro diz respeito à diversidade dos *media* disponíveis nessas nações (os Estados Unidos lideram neste particular; a África do Sul situa-se no pólo oposto); o segundo corresponde à regulação dos órgãos de comunicação social por parte dos respectivos governos (maior na África do Sul; menor nos Estados Unidos). Em ambos os casos, considerava-se a Alemanha Ocidental como ocupante do lugar entre os dois extremos. Conceptualizámos três dimensões de conflito social, de forma a comparar os diversos tipos de tratamento que lhe são dedicados – complexidade, intensidade, e resolubilidade. Depois, operacionalizámo-las de acordo com a forma como os itens noticiosos são apresentados na televisão para cada uma delas. Considerámos ainda um índice de severidade do conflito, a partir do qual os que se assumiam como muito

⁸ Neste artigo não me debruçarei sobre a parte do estudo relativa à percepção.

⁹ É importante notar que os dados utilizados nesta análise foram reunidos em 1980 e 1984, quando a Alemanha ainda se encontrava dividida em duas (Este e Oeste) e a África do Sul permanecia sob o regime do Apartheid.

complexos, intensos e de difícil resolução eram classificados como sendo os mais gravosos, e vice-versa.

Uma descoberta interessante residiu na constatação de que a severidade com que se expunham os conflitos estrangeiros era maior do que no caso dos nacionais. Tal devia-se – e, provavelmente, ainda hoje se deverá – ao facto de um evento estrangeiro ter de ser mais complexo, intenso e/ou de mais difícil resolução do que um nacional, de modo a ultrapassar o crivo editorial de noticiabilidade. Uma outra descoberta paralela sugere que, quanto maior for a regulamentação governamental, mais os conflitos domésticos são apresentados como sendo mais severos e os estrangeiros como menos. No entanto, quando examinámos separadamente os dados de cada país, emergiu um interessante padrão: os domésticos eram menos gravosos do que os estrangeiros. Noutras palavras, ao contrário do adágio popular que afirma que “a galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha”, neste caso a melhor galinha seria a do próprio. Este fenómeno segue a teoria da hegemonia de Gramsci, sugerindo que o papel dos *media* é ajudar a preservar o *statu quo* na sociedade.

Global Newsrooms, Local Audiences: a Study for the Eurovision News Exchange

Esta pesquisa foi conduzida no quadro do modelo de investigação comparativa “nações enquanto componentes de grandes organizações ou sistemas transnacionais”. No seu centro, encontrava-se a actividade do News Exchange Service, da European Broadcasting Union (EBU). Publicado por Cohen, Levy, Roeh e Gurevitch (1996), o estudo focava dois dos aspectos desse serviço: 1) o processo de tomada de decisão relativo à escolha dos itens que deveriam ser disponibilizados às estações associadas; 2) o modo de utilização desses materiais por parte destas.

Os dados foram obtidos durante dois períodos, cada qual compreendendo uma semana, em 1987. Procedeu-se a uma análise da “conferência diária”, na qual representantes (“contactos”) de cada um dos serviços discutiam, em circuito aberto, quais os variados itens que poderiam ser disponibilizados nesse dia, bem como os pedidos feitos pelas estações associadas. As conferências – coordenadas por um ou mais “contactos” veteranos, numa base rotativa – possuíam regras específicas no que concerne à aceitação dos itens que deveriam ser enviados via satélite a todos os

associados. No entanto, a dinâmica da conferência conduzia frequentemente a decisões idiossincráticas por parte dos coordenadores em funções.

Observou-se igualmente, ao nível da preferência dos vários contactos, a existência de uma hierarquia de tópicos noticiosos. O mais procurado era o tema “conflito entre países”, seguido de “acidentes e desastres”, “política interna de países estrangeiros”, “avanços na ciência e na medicina”, “cerimónias” e, finalmente, “eventos culturais ou artísticos”. Tudo isto se aplica quer aos coordenadores de notícias quer aos “contactos”, que ocupavam o cargo de organizadores das conferências.

No que toca à utilização dos materiais disponibilizados pelo News Exchange Service (normalmente imagens e som não editados), foi perceptível uma significativa “nacionalização” dos itens. Deste modo, serviços que utilizavam o material recebido criavam muitas vezes a partir dele os seus próprios itens, tornando-os mais relevantes para os espectadores através de referências ou alusões ao seu próprio país. Basicamente, tal conseguia-se de quatro formas: sugerindo consequências para o país de emissão ou para os seus cidadãos; focando o envolvimento de cidadãos locais; estabelecendo ligações através de imagens ou infografias (mapas, bandeiras, logótipos, pessoas); ou entrevistando/citando figuras locais.

Concluimos que o Eurovision News Exchange poderia ser considerado um diálogo “interperspectivas”. As conferências diárias, presididas pelos coordenadores de notícias, parecem desempenhar manifestamente a função de troca dos materiais necessários à gestão do serviço. Todavia, é igualmente possível conceber estas conferências diárias e o próprio sistema em termos mais latos e simbólicos. Podem ser vistos como um local de negociação intercultural, no qual continuamente se manifestam e se redefinem os limites de determinados entendimentos – por vezes em duras contendas entre, por um lado, a visão utópica de uma cultura global baseada em valores e experiências partilhados e, por outro, a noção de que o mundo se encontra cultural e politicamente dividido, gostemos disso ou não.

News Around the World: Content, Practitioners, and the Public

O terceiro (e último) estudo que aqui apresento, da autoria de Shoemaker e Cohen (2006), baseia-se no modelo “nações enquanto contexto”. O seu propósito prendeu-se

com a determinação da universalidade da apresentação de elementos de desviância e de significância social nas peças dos *media* noticiosos. O estudo foi conduzido em dez países: Austrália, Chile, China, Alemanha, Índia, Israel, Jordânia, Rússia, África do Sul e Estados Unidos. Realizou-se uma análise de conteúdo a notícias de televisão, rádio e jornais, baseada numa semana composta do ano 2000, em duas cidades de cada uma dessas nações: uma grande (não necessariamente a capital) e uma periférica.

Todos os itens foram codificados com base nos seus conteúdos desviantes a nível estatístico, social e normativo, assim como em termos das suas significâncias política, económica, cultural e pública. À primeira vista, tanto a desviância como a significância social parecem ser baixas. Contudo, ao considerarmos um índice composto de todos os elementos de desviância e de significância social, identificamos nas notícias indícios claros da presença de indicadores referentes a estes dois conceitos. De forma consistente, os maiores valores de desviância e de significância social foram encontrados nos noticiários televisivos e nos de rádio (nos jornais a sua expressão foi menor). Os resultados obtidos nos dez países foram similares, facto que sugere a presença de um fenómeno mundial.

Durante o estudo, fomos contactados pelo dr. Joel Frederico da Silveira (Portugal), que conduzia a investigação no âmbito das notícias televisivas lusitanas, e disponibilizámos-lhe o nosso *codebook*, destinado à análise de uma amostra de noticiários. Num capítulo que escrevi para um livro editado por Silveira (Cohen, 2007), os dados portugueses são apresentados juntamente com os das restantes dez nações. Se atentarmos neles, notamos que aparentam surgir constantemente no centro da distribuição dos onze países: as peças informativas televisivas portuguesas não se posicionaram em qualquer dos extremos de nenhum dos quatro índices (desviância verbal, desviância visual, significância social verbal e significância social visual). Portugal era a quinta nação menos desviante em termos verbais (depois de Israel, EUA, Austrália e África do Sul) e a quarta menos desviante a nível visual (a seguir a Israel, Alemanha e EUA). A mesma posição é também ocupada por este país ibérico no que diz respeito à tabela dos que apresentam menor grau de significância social verbal (com valores inferiores surgem apenas Israel, EUA e Austrália). Finalmente, ocupava o quarto lugar no tocante ao menor grau de significância social visual (atrás de Israel, EUA e Alemanha).

6.4 – Vermo-nos, vendo os outros

O que nos dizem, então, os três estudos e os seus volumosos dados? Em geral, sugerem que, caso a pesquisa tivesse sido realizada apenas no nosso quintal – ou seja, no nosso país –, teríamos tido dificuldade em atribuir um sentido ao tempo em que vivemos. Noutras palavras: se, exemplificando, os conflitos sociais, tal como são apresentados nos noticiários da televisão israelita, tiverem um *score* de complexidade de 2.3 (numa escala de 0 a 4), não saberemos, de facto, se este se trata de um valor elevado ou reduzido. E se, dando outro exemplo, os editores de informação alemães tenderem a “nacionalizar” notícias estrangeiras em 30% dos itens apresentados? Será que poderíamos julgar com toda a certeza se se tratava de algo baixo ou elevado? Finalmente: caso as notícias televisivas em Portugal exibam um *score* de 1.7 de desviância política (na mesma escala anteriormente indicada), será que este é passível de ser considerado preocupante?

Como já mencionei, muito na vida é relativo. A avaliação do conteúdo das notícias televisivas também o é (tal como o são outros fenómenos nos *media*). E que melhor forma temos para atribuir sentido à nossa própria situação do que comparando-a com as demais? Podemos confrontar os nossos dados com os de outros ao nível de uma dimensão teórica (é o caso do estudo relativo a conflitos sociais), da mesma forma que é possível que o façamos no seio de uma organização à qual pertencemos e com a qual nos identifiquemos (caso do estudo do Eurovision News Exchange) ou que nos sintamos confortados quando descobrimos que somos similares a todos os outros países quando procuramos um fenómeno mundial (ou que nos sintamos desconfortáveis ao percebermos que somos desviantes face ao resto do conjunto).

Antes de terminar este artigo, gostaria de fazer um último comentário. Penso que é importante prestar atenção às possíveis diferentes motivações subjacentes à investigação académica conduzida por escolásticos de comunicação social, que provêm de instituições académicas e de investigação e que são patrocinados (ou pelo menos apoiados) por organizações dos *media*, através de financiamento ou de permissão de acesso. Os investigadores académicos têm inclinação para conduzir pesquisas

comparativas, devido ao seu valor acrescido na atribuição de sentido aos resultados encontrados e na formulação e na sustentação de hipóteses teóricas. Por outro lado, as organizações de *media* (quer públicas quer privadas), mesmo que possuam um departamento de investigação activo (e, possivelmente, “independente”), tendem a hesitar na hora de realizar estudos comparativos. Quando muito, preferem conduzir pesquisas relativas a si próprias, aos seus produtos e audiências, refreando a sua participação em análises comparativas que envolvam outras organizações. Esta tendência deve-se, habitualmente, à sua relutância em justapor os seus resultados aos de outros (usualmente, concorrentes), receosas de que daí resulte uma imagem de “deficiência” em termos comparativos.

Em suma, aconselho vivamente a realização de estudos comparativos, não obstante as mais variadas dificuldades envolvidas na sua efectivação. Gostaria igualmente de assistir a uma maior cooperação entre as instituições académicas e as organizações de *media*, incluindo a possibilidade de as primeiras serem apoiadas financeiramente pelos *broadcasters* ou de, pelo menos, lhes ser facilitado o acesso aos materiais e ao pessoal destes últimos. Acredito no facto de tal cooperação poder conduzir a uma geração de dados que beneficiaria tanto a comunidade académica como as organizações de comunicação social.

Referências bibliográficas

Boyd-Barrett, O. (1980), *The International News Agencies*, Londres, Constable.

Boyd-Barrett, O. (2000), “National and international news agencies: issues of crisis and realignment”, *Gazette*, LXII (1), pp. 5-18.

Boyd-Barrett, O., e T. Rantanen (2004), “News agencies as news sources”, em C. Paterson, e A. Sreberny (orgs.), *International News in the Twenty-first Century*, Eastleigh, Reino Unido, John Libbey, pp. 31-45.

Boyd-Barrett, O., e D. K. Thussu (1992), *Contra-flow in Global News, International and Regional News Exchange Mechanisms*, Londres, John Libbey.

Chalaby, J. K. (2005), "Towards an understanding of media transnationalism", em J. K. Chalaby (org.), *Transnational Television Worldwide. Towards a New Media Order*, Londres, I. B. Tauris, pp. 1-13.

Chang, T. K., e J. W. Lee (1992), "Factors affecting gatekeepers' selection of foreign news: a national survey of newspaper editors", *Journalism Quarterly*, LXIX(3), pp. 554-561.

Cohen, A. A. (1993), "Israelis and foreign news: perceptions of interest, functions, and newsworthiness", *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 37, pp. 337-347.

Cohen, A. A. (1998), "Between content and cognition: on the impossibility of television news", *Communications: European Journal of Communication Research*, XXIII (4), pp. 425-439.

Cohen, A. A. (2002), "Globalization Ltd.: domestication on the boundaries of television news", em J. M. Chan, e B. T. McIntyre (orgs.), *In Search of Boundaries. Communication, Nation-States and Cultural Identities*, Westport, CT, Ablex, pp. 167-180.

Cohen, A. (2007), "A desviância e a significância social das notícias televisivas em Portugal e noutros países", em J. Silveira, e P. Shoemaker (orgs.), *Telejornais em Exame*. Celta: Oeiras, (pp. 253-275).

Cohen, A. A., H. Adoni, e C. R. Bantz (1990), *Social Conflict and Television News*, Newbury Park, CA, Sage.

Cohen, A. A., M. R. Levy, I. Roeh, e M. Gurevitch (1996), *Global Newsrooms, Local Audiences. A Study of the Eurovision News Exchange*. Londres, John Libbey.

Flournoy, D., e R. K. Stewart (1997), *CNN. Making news in the global market*, Luton, University of Luton Press.

Galtung, J., e M. Ruge (1965), "The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cypress crises in four norwegian newspapers", *Journal of Peace Research*, 1, pp. 64-91.

Gilboa, E. (2005), "Global television news and foreign policy: debating the CNN Effect", *International Studies Perspectives*, 6, pp. 325-341.

Gunter, B. (1987), *Poor Reception*, Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum Associates.

Harcup, T., e D. O'Neill (2001), "What is news? Galtung and Ruge revisited", *Journalism Studies*, II (2), pp. 261-280.

- Hargrove, T., e G. H. Stempel (2002), "Exploring reader interest in international news", *Newspaper Research Journal*, XXIII (4), pp. 46-51.
- Heinderyckx, F. (1993), "Television news programmes in western Europe", *European Journal of Communication*, 8, pp. 425-450.
- Kim, J., R. O. Wyatt, e E. Katz (1999), "News, talk, opinion, participation: the part layed by conversation in deliberative democracy", *Political Communication*, XVI (4) pp. 361-385.
- Küng-Shankleman, L. (2000), *Inside the BBC and CNN. Managing Media Organizations*, Londres, Routledge.
- Livingstone, S. (2003), "On the challenges of cross-national comparative media research", *European Journal of Communication*, XVIII (4), pp. 477-500.
- Malik, R. (1992), "The global news agenda", *Intermedia*, XX (1), pp. 8-70.
- Nossek, H. (2004), "Our news and their news: the role of national identity in the coverage of foreign news", *Journalism*, V (3), pp. 343-368.
- Perry, D. K. (1990), "News reading, knowledge about, and attitudes toward foreign countries", *Journalism Quarterly*, LXVII (2), pp. 353-358.
- Philo, G. (2004), "The mass production of ignorance: news content and audience", em C. Paterson, e A. Sreberny (orgs.), *International News in the Twenty-first Century*, Eastleigh, Reino Unido, John Libbey, pp. 199-224.
- Robinson, P. (2002), *The CNN Effect. The Myth of News, Foreign Policy and Intervention*, Londres, Routledge.
- Sande, Ø. (1971), "The perception of foreign news", *Journal of Peace Research*, 8, pp. 221-237.
- Semetko, H. A., J. B. Brzinski, D. Weaver, e L. Willnat (1992), "TV news and U.S. public opinion about foreign countries: the impact of exposure and attention", *International Journal of Public Opinion Research*, IV (1), pp. 18-36.
- Shoemaker, P. J., e A. A. Cohen (2006), *News Around the World. Content, Practitioners and the Public*, Nova Iorque, Routledge.
- Sparks, V., e J. P. Winter (1980, 15 de Setembro), "Reader interest in foreign news", *ANPA News Research Report*, 28.

Stevenson, R. L., e R. C. Cole (1984), "Patterns of foreign news", em R. L. Stevenson, e D. L. Shaw (orgs.), *Foreign News and the New World Information Order*, Ames, The Iowa State University Press, pp. 37-62.

Tai, Z., e T. K. Chang (2002), "The global news and the pictures in their heads", *Gazette. The International Journal for Communication Studies*, LXIV (3), pp. 251-265.

Volkmer, I. (1999), *News in the Global Sphere. A Study of CNN and its Impact on Global Communication*, Luton, University of Luton Press.

Wainberg, J. A. (2006), "Misunderstanding international news in Brazil", *Brazilian Journalism Research*.

Wanta, W., e Y. H. Hu (1993), "The agenda-setting effects of international news coverage: an examination of differing news frames", *International Journal of Public Opinion Research*, V (3), pp. 250-264.

Westerståhl, J., e F. Johansson (1994), "Foreign news: news values and ideologies", *European Journal of Communication*, IX, pp. 71-89.

Wilke, J. (1998), "Foreign news coverage in the german media system: the dynamics of reduction", paper presented at the International Communication Annual Convention, Jerusalém.

Wu, H. D. (2000), "Systematic determinants of international news coverage: a comparison of 38 countries", *Journal of Communication*, L (2), pp. 110-130.

Wu, H. D. (2004), "The world's windows to the world: an overview of 44 nations' international news coverage", em C. Paterson, e A. Sreberny (orgs.), *International News in the Twenty-first Century*, Eastleigh, Reino Unido, Luton University Press, pp. 95-108.